

# SUJEITOS, LUGARES E PESQUISAS: REFLEXÕES A PARTIR DO GEU/UTFPR

Marlize Rubin-Oliveira<sup>1</sup>  
Giovanna Pezarico<sup>2</sup>

“No es nada descubrir algo nuevo, hay que descubrir para  
qué se descubre”<sup>3</sup>  
(Enrique Dussel)

## Introdução

O presente artigo nasce do generoso convite da Rede GEU – Grupo de Estudos sobre Universidade, que nos convoca à reflexão acerca de nossas trajetórias, movimentos e diálogos, também compartilhados a partir do GEU/UTFPR. Ao iniciá-lo, partimos da premissa estabelecida pelo pensador latino-americano Enrique Dussel, na qual expõe como necessária a precaução teórico-metodológica, não apenas sobre o caráter útil e interessado da produção do conhecimento científico, mas tributa aos pesquisadores a vigilância crítica sobre o mesmo. Não basta descobrir... É tão necessário quanto, considerar num caráter de meta-análise sobre tais conhecimentos, inquietações, agendas de pesquisa, perspectivas epistêmicas, saberes, atores, e prospecções no horizonte. De tal precaução, emerge nosso objetivo, que é refletir e dialogar com autoras/es e leitores acerca de algumas trajetórias assumidas pelo GEU/UTFPR como grupo de pesquisa que, desde mesmo antes de sua institucionalização, já se mostrava preocupado em mover-se contrário ao 'desperdício das experiências' (SOUSA SANTOS, 2002).

Em termos formais, o GEU/UTFPR tem seu nascedouro como grupo de estudos e pesquisa desde o ano de 2011, vinculado ao PPGDR - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e à Linha de Pesquisa Educação e Desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Marlize Rubin-Oliveira é docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR). Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UTFPR). Doutora em Educação (UFRGS) e Mestre em Educação (UFPEL). Licenciada em Educação Física (UFSM). <https://orcid.org/0000-0003-3234-7562>. Email: [rubin@utfpr.edu.br](mailto:rubin@utfpr.edu.br)

<sup>2</sup> Giovanna Pezarico é docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e do Programa de Pós-Graduação em Administração. Possui graduação em Administração (UTFPR) e Direito pela Faculdade Mater Dei. É Mestre e Doutora em Tecnologia (UTFPR). <https://orcid.org/0000-0001-5576-6685>. E-mail: [gpezarico@utfpr.edu.br](mailto:gpezarico@utfpr.edu.br)

<sup>3</sup> Entrevista concedida à Revista Ciencia, Tecnología y Política, em junho de 2019.

Atualmente, o Grupo está estruturado em duas linhas distintas. A Linha 1 - Universidade: políticas e epistemologias - objetiva construir referenciais teórico-metodológicos a partir de diálogos de saberes no âmbito da universidade. A linha privilegia temáticas como internacionalização, América Latina, interculturalidade e interdisciplinaridade. Por sua vez, a Linha 2 – Educação, Cultura e Desenvolvimento - tem como objetivo desenvolver e aprofundar estudos e pesquisas sobre as interrelações entre educação, cultura e desenvolvimento na América Latina. Essa linha privilegia temas relacionados a práticas educativas formais e não-formais e tem como categorias centrais: humanização e emancipação de sujeitos.

A formalização foi decorrente de estudos anteriores, iniciados nos anos de 1990, a partir dos esforços de pesquisadoras/es com intuito de compreender aspectos alinhados às temáticas do Desenvolvimento Regional, no contexto da região Sudoeste do Paraná. Assim, perceberam no campo da Educação e, em especial da Educação Superior (ES), dimensão de análise fundamental para os estudos e interação com a sociedade por meio da produção do conhecimento científico sensível às demandas locais. Nosso processo denota a capacidade da Rede GEU, não apenas no âmbito da formação de pesquisadoras/es e consolidação como rede de pesquisa, mas sobremaneira, a sua condição de estabelecer dinâmicas de nucleação, cujas singularidades terminaram por constituir espaços privilegiados, dialógicos e plurais.

Contudo, ao estabelecer o intento de realizar a reflexão proposta, há que se considerar que não se vislumbra realizar o exercício de historicizar a produção do conhecimento elaborado a partir dos cânones da História da Ciência, mas especialmente, retomar contextos, pretextos e perspectivas de uma caminhada que se mostra significativa e repleta de sentidos e significados para seus caminhantes. Assim, o presente artigo está estruturado em duas seções. A primeira seção tem como enfoque indicar alguns aspectos relacionados ao nascedouro do GEU/UTFPR, cujos movimentos e dinâmicas se alinham aos diálogos locais e globais vivenciados pela Universidade e pela Educação Superior como campo de investigação. A segunda seção tem como principal mote problematizar algumas categorias caras ao GEU/UTFPR e que têm sido mobilizadoras dos nossos estudos, tanto no que diz respeito às suas possibilidades epistêmicas, como também pela perspectiva decolonial que assumem: as categorias sujeito, lugar e pesquisa.

No presente momento histórico, não se pode olvidar quão necessários são os movimentos que tensionam e reforçam a relevância da ciência e do diálogo de saberes para o enfrentamento aos complexos problemas contemporâneos.

Do mesmo modo, não se pode negligenciar os saberes como plurais, respeitados em suas heterogeneidades de tempos, espaços, fronteiras e culturas. Assim, o presente estudo demonstra também como intenção, minimamente, retribuir e prestigiar àquelas/es que, como pesquisadoras/es, formadoras/es ou sujeitos de pesquisa, a partir dos distintos lugares de fala, de existência e resistência, contribuíram e contribuem na formação de pesquisadoras/es no campo da Educação Superior.

### **Nascedouros epistêmicos do GEU/UTFPR: movimentos e tensionamentos**

“El conocimiento de la realidad social sólo es accesible, plenamente, desde el interior de una práctica social transformadora lo cual ciertamente, implica una opción epistemológica y, al mismo tiempo, ética. Quien quiera adquirir un conocimiento pleno de la realidad social, tiene que dedicarse a la práctica social transformadora. O renunciar a esa ambición de conocimiento”<sup>4</sup>

O exercício de rememorar algumas das trajetórias do GEU/UTFPR implica também numa abordagem que se pauta pela preocupação com a produção de conhecimentos científicos qualificados, pelo respeito à coerência epistemológica, mas que o faz considerando como condição premente a convivialidade e a postura sentipensante (GALEANO, 1999). Ao retomar tais trajetórias, é importante destacar que o GEU/UTFPR tem como nascedouro e gérmen os estudos inicialmente realizados ao longo da década de 1990, junto ao CEPAD - Centro de Pesquisa e Apoio ao Desenvolvimento Regional. O Centro estava vinculado ao CEFET/PR - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, implantado no município de Pato Branco, no ano de 1992, cujas atividades letivas iniciaram no ano de 1993, no bojo dos processos de descentralização e interiorização do ensino técnico (UTFPR, 2022).

O Centro de Pesquisa se mostrava como espaço importante e protagonista no levantamento e diagnóstico da mesorregião Sudoeste do Paraná, com alcances no Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul. Como singularidade às estruturas dos centros federais de educação tecnológica, a então unidade descentralizada de Pato Branco surgia também vinculada à Educação Superior, na medida em que havia incorporado a Fundação de Ensino Superior de Pato Branco – FUNESP, existente desde a década de 1970.

---

<sup>4</sup> Anibal Quijano (1978) - Comentário aos escritos de Fals Borda, no Simpósio Nacional de Cartagena.  
Revista Panorâmica – ISSN 2238-9210 - V. 36 – Maio/Ago. 2022.

Assim, além das demandas convencionais dos cursos técnicos integrados, vários docentes do Magistério Superior foram integrados aos seus quadros - mediante concursos públicos - de modo a também atender essa modalidade de ensino (RUBIN-OLIVEIRA e PEZARICO, 2015).

Tal fato é oportuno de ser mencionado, pois auxilia a elucidar a conformação do quadro de docentes e pesquisadores que posteriormente formariam o GEU/UTFPR. Cabe salientar que tal processo repercutiu numa perspectiva pessoal e institucional de formação, nos níveis de Mestrado e Doutorado, que foram determinantes para a constituição do Grupo de Pesquisa. Destaque importante relacionado à essa estratégia e decorrente constituição do GEU/UTFPR há que ser dado aos espaços formativos de pesquisadoras/es no âmbito do GEU/Sociologia e GEU/Ipesq, ambos da UFRGS, local em que a Rede GEU se estruturou, consolidou e iniciou seu processo de expansão.

Além disso, é relevante considerar que os anos de 1990, e os movimentos históricos neles vivenciados, consistiram num período profícuo de reorganização das agendas de pesquisas sobre a Universidade e a Educação Superior. Nesse sentido, destaca-se a racionalidade orientada pelo neoliberalismo, as arquiteturas consistentes de intervenção dos organismos internacionais, fundadas nos pilares da reestruturação produtiva, os princípios propositadamente 'norteadores' do Estado Mínimo e a subsunção da educação à condição de bem de consumo e mercadoria. No cenário brasileiro, os processos de privatização, a adoção de sistemáticas de regulação e avaliação, além da expansão da Educação Superior pela via privada, especialmente entre o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, foram verificados desde os grandes centros até as cidades do sudoeste paranaense.

Tal cenário demarca os primeiros estudos de caráter sistematizado no contexto das/os pesquisadoras/es que integram o GEU/UTFPR e constituem fundamentalmente uma relação dialógica importante para os estudos que se seguiriam. Essa relação buscou entender movimentos e tensionamentos a partir de marcadores e categorias analíticas como: Universidade – Estado – Políticas Públicas – Sociedade. Na época, pesquisadoras/es, propositadamente a partir dos contextos da interiorização, puderam dialogar nacionalmente sobre os achados de pesquisa, que auxiliaram, sobremaneira, na compreensão de dinâmicas territoriais e locais acerca da expansão da Educação Superior, Educação Profissional e Tecnológica, Formação de Professores, Políticas de Permanência, Políticas Educacionais e Estudos Interdisciplinares.

Os estudos desenvolvidos posteriormente se mantiveram interconectados com desdobramentos vivenciados, tanto pela Universidade, quanto pela Educação Superior. Alguns dos estudos foram experienciados em processos significativos de expansão, no qual o cenário nacional e internacional apontavam para outras dinâmicas também necessárias de acompanhamento e análises. Tal conjuntura tem como marcos, pelo menos, duas temáticas de pesquisas que carecem de maior detalhamento. A primeira diz respeito à retomada de políticas públicas e programas específicos, como o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), que na primeira década dos anos 2000 repercutiria na retomada da reestruturação e expansão das unidades, principalmente pela via pública.

De outro turno, outra temática que se tornou presente na agenda de pesquisa do GEU/UTFPR no mesmo período, diz respeito à internacionalização no bojo da Educação Superior. Contudo, as convergências dos estudos do Grupo sobre o tema repercutem em movimentos concebidos a partir de um caráter prospectivo e propositivo. Tal consideração, somente pode ser tecida a partir de um panorama histórico e justificada pelo propósito das/os pesquisadoras/es, que refutavam construir estudos de caráter contemplativo e se propunham a se debruçar sobre dinâmicas, intencionalidades, limites, possibilidades e políticas públicas/institucionais a respeito da internacionalização, para além de dados apenas quantitativos sobre os fluxos migratórios para fins de formação e *rankings* internacionais.

Assim, políticas nacionais e institucionais se constituíram como contextos e objetos para importantes estudos e sistematizações tanto individuais como coletivos do Grupo. Dentre tais estudos, são destaques análises de políticas públicas específicas sobre: Programa REUNI; Programa Ciência sem Fronteiras; Programas PEC-G e PEC-PG – Programas de Estudantes-Convênio Graduação e Pós-Graduação; Programa MARCA – Programa de Mobilidade Acadêmica Regional para Cursos Acreditados; Programa MEI – Programa Mobilidade Estudantil Internacional; e Internacionalização de Programas de Pós-Graduação, por exemplo. Ainda, há que se revisitar um aspecto singular em torno das abordagens epistêmicas ao longo do momento histórico em apreciação. À medida que o Grupo aprofundava seus estudos e trajetórias sobre internacionalização, denotam-se os tensionamentos epistêmicos decorrentes.

Neste sentido, cabe mencionar que os estudos foram se delineando a partir de cartografias muito particulares, cujos pontos de partida têm a compreensão das relações de poder/saber consubstanciadas nos cânones e doxas de um sistema mundo moderno/colonial, em que pensar e pesquisar, sobre a universidade, ocorreram sob a égide das relações estabelecidas na tensão entre o centro e a periferia<sup>5</sup>. Desse modo, é importante enfatizar que os estudos do Grupo representam e simbolizam, um processo de consolidação, não apenas no que diz respeito às suas agendas de pesquisa, mas sobretudo, a partir de redes de pesquisadoras/es cujas trajetórias se estabeleceram por meio de diálogos, tensionamentos, resistências e (re)existências que permitiram viabilizar outras dinâmicas de atuação. Isso significou, em termos mais pragmáticos, a submissão e acesso a editais mediante reprovação/aprovação de recursos e fomento à pesquisa, bem como a constituição de um Grupo heterogêneo, tanto quanto possível - em uma universidade carregada de marcas coloniais - e da ampliação da divulgação científica, por meio do compartilhamento dos estudos, em eventos, periódicos nacionais e internacionais, além da inserção em espaços privilegiados de investigação.

Como característica, importa frisar, o GEU/UTFPR congrega pesquisadoras/es, docentes, estudantes de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorandos e técnicas/os administrativos. A configuração se mostra distinta, especialmente pelo seu potencial, não apenas na formação de docentes, mas de servidoras/es que atuam efetivamente no contexto da gestão universitária, com capacidade de dialogar tanto com a análise de políticas públicas, bem como, com processos e políticas institucionais, compreendendo a universidade como organização portadora de especificidades. Ademais, tal característica é simbólica das ancoragens epistêmicas que orientam o Grupo no que diz respeito ao diálogo de saberes. Assim, ao olhar em retrospectiva, verifica-se como o GEU/UTFPR se mostra também vinculado à uma prática social interdisciplinar, tanto no que concerne às áreas de origem de seus membros, como de seus recortes e objetos de investigação.

Realizar essa demarcação se mostra necessária para que alguns apontamentos possam ser compreendidos sobre perspectivas epistêmicas compartilhadas pelo Grupo. Nesse contexto, como dito anteriormente, nas trajetórias e estudos do Grupo é possível perceber que o mesmo assume contornos aderentes e imbricados às várias dimensões de análise em torno do campo da Educação Superior como categorias pluriversais.

---

<sup>5</sup> Este artigo é uma importante referência de reflexões que sistematizamos: MAZZETTI, Antônio Carlos *et al.* Relação Centro x Periferia: a universidade em debate. **Educação em Revista [online]**. 2019, v. 35 [Acessado 20 Junho 2022] , e193459. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698193459>>. Epub 25 Nov 2019. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698193459>.

A premissa é fruto de anos de reflexões que permitiram compreender potências e singularidades nas experiências universitárias vivenciadas no interior do país, vinculadas à uma universidade especializada por campo do saber, tendo em vista que a UTFPR é a única universidade tecnológica brasileira, num permanente movimento dialógico entre o local e o global. Esse fato se mostrou relevante na trajetória do GEU/UTFPR, especialmente a partir de um processo de consolidação e maturação de seus estudos, na medida em que propiciou ressignificar compreensões sobre a produção do conhecimento no âmbito da periferia e das integrações subordinadas, especialmente na América Latina. Como explica Kreimer (2011, p. 04), trata-se de um pressuposto necessário, de modo a refutar a produção do conhecimento elaborado a partir de uma consciência ingênua:

Certamente, definir as necessidades sociais que podem ser objeto de "demanda de conhecimentos" é um problema complexo, na medida em que supõe interrogar-se sobre os atores que têm a legitimidade e a capacidade para formular tais demandas. Isso implica na determinação dos mecanismos pelos quais os "problemas sociais" se traduzem em "problemas de conhecimento".

Do mesmo modo, essa abordagem foi preponderante aos movimentos mais recentes do Grupo, especialmente no que diz respeito às perspectivas epistemológicas que buscaram com maior condição ampliar discussões a partir de perspectivas interculturais, pluriversais e decoloniais. Essas reflexões têm encaminhado processos de elaboração de algumas categorias transversais verificadas nos estudos atualmente em desenvolvimento no GEU/UTFPR, com destaque para as categorias epistêmicas de sujeito, lugar e pesquisa, problematizadas na próxima seção.

### **Sujeitos, lugares e pesquisas: categorias autorreflexivas**

Nesta seção, o principal objetivo é problematizar categorias caras ao GEU/UTFPR e que são mobilizadoras de nossos estudos, tanto no que diz respeito às suas possibilidades epistêmicas, mas também pela perspectiva decolonial que assumem: as categorias sujeito, lugar e pesquisa. As categorias foram construídas a partir dos sujeitos, lugares e problemáticas de pesquisa, em que a Educação Superior foi/é o campo de investigação.

Cabe pontuar, no entanto, que tais categorias foram sistematizadas pela primeira vez a partir de dois projetos, os quais o tema era a internacionalização da ES, um com foco nas chamadas universidades de classe mundial<sup>6</sup> e o segundo com foco em experiências do Sul<sup>7</sup>.

Os estudos e pesquisas realizados tiveram/têm a centralidade na produção de conhecimentos. Diante disso, buscas e aprofundamentos sempre foram/são epistêmicas, com a tentativa de compreender complexidades ao longo dos processos de investigação. Por um lado, tínhamos um projeto financiado que nos permitiu imersão e investigação em centros hegemônicos; por outro, havia a necessidade consciente de nos deslocarmos ao mesmo tempo a zonas fronteiriças. "O ponto de origem do pensamento/sensibilidade e do fazer fronteiriços é o Terceiro Mundo, e se suas rotas de dispersão se realizaram através de quem migrou do Terceiro para o Primeiro Mundo" (MIGNOLO, 2017a, p. 16/17). Assim, no momento de imersão na temática das denominadas universidades de classe mundial, as epistemologias do sul (SOUSA SANTOS, 2020) e perspectivas decoloniais (QUIJANO, 2019; MIGNOLO, 2017a/b; entre outros) contribuíram em escolhas epistêmicas. Uma dessas escolhas foi deslocar nossas "sensibilidades de mundo" (MIGNOLO, 2017a, p. 20) às zonas de fronteira e isso nos trouxe a possibilidade de análises em diálogos norte/sul, centro/periferia. Hoje compreendemos este movimento do Grupo como um giro importante à tomada de consciência dos lugares que habitamos.

Neste processo complexo de idas e vindas, buscas e diálogos, uma das principais tomadas de consciência do Grupo foi a universidade como um lugar epistêmico, diverso, com aromas, sabores e relevos que a caracterizam distinta de qualquer outra instituição. Este lugar (GROSFOGUEL, 2016) tem sua genealogia construída e consolidada no projeto moderno/colonial e nele se sustenta. Entretanto, por ser um lugar de sujeitos, no qual a pauta (objeto) é/são conhecimentos em sua infinita e múltipla capacidade de aprendizagem, este também é, ou pode vir a ser, um lugar múltiplo, diverso, pluriverso. O pluriverso (ESCOBAR, 2012) é a conexão e a comunicação da multiplicidade entre várias culturas do mundo, para formar uma rede de conhecimentos e interrelacioná-los, de forma a garantir a participação e a liberdade de autonomia de todas/os.

---

<sup>6</sup> RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. Desafios da Internacionalização da Educação Superior Brasileira: universidades de classe mundial. Edital: Apoio a Projetos de Pesquisa / Chamada MCTI/CNPQ/MEC/CAPES No 14/2014. **Relatório Técnico de Projeto de Pesquisa**. Processo n. 446097/2014-4.

<sup>7</sup> FARIAS, Nilson e RUBIN-OLIVEIRA, Marlize. **Internacionalização da Educação Superior: olhares do Sul**. Uberlândia: Editora Navegando, 2021. BOASICK, Daniela; RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; PELOSO, Clara. F. Interculturalidade: experiências e desafios da/na Universidade. **Práxis Educativa**, v. 17, p. 1-18, 2022.



Reconhecemos aqui a dimensão utópica do conceito, no entanto, a universidade como lugar epistêmico precisa assumir seu lugar prospectivo e utópico. Tomar a pluriversalidade como um projeto universal é aceitar todas as opções rivais. "É simples assim, e tão difícil. Para seguir nessa direção, precisamos mudar os termos da conversa. Mudando os termos da conversa, e não apenas o conteúdo, significa pensar e agir descolonialmente" (MIGNOLO, 2017b, p. 14).

Tal compreensão nos trouxe algumas reflexões iniciais/embrionárias que estão sendo exploradas e que estamos em processo. Uma é o lugar geopolítico da universidade no movimento centro/periferia. Universidades, dependendo do lugar geopolítico que se encontram, estabelecem relações distintas com outras universidades, Estados, Sociedade e Políticas Públicas, ao mesmo tempo em que esse movimento (centro/periferia) ocorre nas relações internas entre departamentos, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e sujeitos. Isto nos faz refletir sobre a elaboração de conhecimentos no contexto do GEU/UTFPR e como avançamos/retrocedemos em dinâmicas de elaboração de sínteses sobre os lugares e a necessidade cada vez mais evidente de elaborar com os lugares e sujeitos. Os temas e as escolhas de pesquisa do Grupo nos provocam a refletir sobre a necessidade de perseguir formas/metodologias/caminhos de investigação em que lugares e sujeitos deixem de ser locus de pesquisa e passem a lugares e sujeitos de elaboração de saberes pluriversos. Pois é isto que são (pluriversos), mesmo que a ciência hegemônica moderna/colonial (DUSSEL, 1993; GROSGUÉL, 2016) tenha construído modelos, formas, parâmetros de invisibilidade de diversidades epistêmicas. A ideia da desterritorialização dos saberes construída a partir e na modernidade/colonialidade nos trouxe o conceito de conhecimentos universal (uno/único). Deslocar os termos da conversa significa desprender-se do modelo/padrão de universalidade, próprio da modernidade/colonialidade. Este é um processo que tem nos exigido avançar em diálogos cada vez mais pluridisciplinares, em que sentir mais tem sido uma meta.

O outro ponto a considerar são os lugares nos quais habitam os sujeitos da/na universidade. A universidade tem sua história moldada em lugares, epistemes e sujeitos modernos/coloniais, no entanto, ao se inserir em lugares periféricos, estabelece dinâmicas próprias e características desses lugares passam a integrar as universidades. Entretanto, se analisadas a partir de parâmetros modernos/coloniais, tornaram-se muitas vezes uma abstração com poucos sentidos e significados. Assim, ao descolarmos os temas de pesquisa às zonas fronteiriças e mudarmos os "termos da conversa" (MIGNOLO, 2017b, p. 14) avançamos de maneira autorreflexiva.

Considerar a sociogênese dos lugares que habitam as/os integrantes do GEU/UTFPR e compreender os lugares de investigação como espaços nos quais as relações centro/periferia, local/global são constitutivas das temáticas de investigação passou a ser outro objetivo do Grupo.

Para tanto, buscamos cada vez mais aprofundar metodologias/caminhos que nos ajudem a elaborar saberes com e não sobre temáticas e sujeitos. Este é um dos desafios diários, árduo e necessário, principalmente se considerarmos que um dos lugares que habitamos é a UTFPR, campus Pato Branco. Um lugar geopolítico periférico, no que se refere ao campo de investigação da Educação Superior, campo esse que está longe de ser uma temática privilegiada na gestão deste lugar. Entretanto, habitamos uma instituição pública, gratuita, laica, que ocupa um lugar privilegiado na Educação Superior da região na formação profissional, de pesquisadoras/es e na pesquisa. Isto nos desloca ao centro deste lugar e, com esta sensibilidade, temos avançado coletivamente na formação de pesquisadores/as e pesquisas que conquistam espaços no campo, em cenários regionais, nacionais e internacionais. As parcerias, a partir da Rede GEU e fora dela, nos constituem, fortalecem e trazem autorreflexões necessárias, ampliando e inserindo temas emergentes ao campo de investigação.

A outra categoria - sujeito - foi sistematizada a partir de algumas "sensibilidades de mundo" (MIGNOLO, 2017a, p. 20) que nos fizeram avançar na compreensão do tema da internacionalização da Educação Superior, mas também possibilitaram reflexões epistêmicas em relação ao campo. Stein (2019), a partir de uma análise do atual estado da arte dos estudos sobre internacionalização, afirma que esta é uma área com abordagens despolitizadas e conclui que, apesar do crescente interesse pelas abordagens críticas, existe o risco de que as críticas resultem mais do mesmo, se não puderem atender a complexidades, incertezas e cumplicidades envolvidas na transformação da internacionalização.

Diante dessa compreensão, as investigações têm o foco nos sujeitos, em seus lugares, campos do conhecimento e saberes. Nesse processo, fica cada vez mais evidente que a complexidade das problemáticas contemporâneas nos obrigam, cotidianamente, à busca de saberes, na sua maioria invisibilizados e encobertos por uma racionalidade, que ao se colocar como hegemônica, invisibiliza e encobre sujeitos distintos e diversos. Entretanto, esta dinâmica simplificadora, ao restringir possibilidades, não resolve problemas por ela mesma criados.

Aos nos reconhecermos como sujeitos diversos, distintos, plurais, que inserem, propõem e elaboram temas e dinâmicas no contexto do campo de investigação e no lugar que habitamos, nos propomos e nos sensibilizamos a elaborar conhecimentos com e não sobre problemáticas do campo.

Nesse processo, nos reconhecemos como sujeitos que habitam zonas de fronteira na periferia, com a compreensão que os saberes, por nós produzidos, são necessários em um movimento local/global, no qual as dinâmicas entre sujeitos sociedade/universidade/estado e políticas públicas estão cada vez mais imbricados. Ao nos debruçarmos no tema da internacionalização da ES (RUBIN-OLIVEIRA, WIELEWICKI e PEZARICO, 2019, p. 17) percebemos que "a busca de solução aos problemas complexos não ocorre por políticas ou acordos institucionais a priori. São as relações entre pesquisadores/as a gênese do processo". Aqui cabe considerar dois pontos importantes de autorreflexão. Um é a ideia de "conhecimento regulação e conhecimento emancipação" (SOUSA SANTOS, 2020), próprio da modernidade/colonialidade. A universidade como lugar plural, mesmo que ainda restrito, ao propor dinâmicas e possibilidades em que sujeitos dialoguem, distintos e diversos saberes são elaborados e podem avançar na direção do conhecimento emancipação. O segundo aspecto é que, quando deslocamos temas hegemônicos a lugares periféricos, criamos possibilidades de inserir no debate distintas e diversas possibilidades. Esta tem sido nossa experiência com o tema da internacionalização.

Os sujeitos criados pela modernidade/colonialidade são sujeitos sem identidade, adaptados a processos e fazeres, com domínios de técnicas e métodos universais da ciência. Entretanto, quando em nossas pesquisas deslocamos o eixo de análise a partir de perspectivas decoloniais nos deparamos com sujeitos que tensionam modelos hegemônicos e se tornam o foco central do processo de investigação. As análises nos possibilitaram compreender o sujeito como sendo o "sujeito autônomo, portanto, capaz de repensar práticas e escolhas (RUBIN-OLIVEIRA, WIELEWICKI e PEZARICO, 2019, p. 18). "Pensar habitando a fronteira moderna/colonial, sendo consciente dessa situação, é a condição necessária do pensar fronteiriço descolonial" (MIGNOLO, 2017a, p. 20).

Por fim, sistematizar a categoria pesquisa, a partir da compreensão de lugares e sujeitos, nos trouxe outras sensibilidades sobre o conhecimento como tema de investigação. Quando pesquisas são elaboradas com sujeitos distintos, em lugares diversos, podem retomar/visibilizar possibilidades de emancipação antes invisibilizadas e/ou negadas.

Encontramos aqui a possibilidades de construir com, o que pode ser um caminho necessário e importante na direção de metodologias diversas. Este talvez seja nosso maior desafio, os tensionamentos binários centro/periferia, local/global, ciências humanas/ciências da natureza, pesquisa qualitativa/quantitativa, apenas para citar alguns, para nós são cada vez mais simplificações grosseiras e insustentáveis na elaboração de saberes. Perseguir e compreender metodologias plurais, que possam considerar lugares, sujeitos e saberes distintos e diversos, torna-se um caminho necessário à complexidade, tantos dos temas de pesquisa, quanto para a busca de soluções que visem a inclusão e não a exclusão.

Ao deslocar nossa sensibilidade de mundo a outros lugares e com outros sujeitos, outras epistemes, criamos uma necessidade urgente de metodologias que possam, não apenas ampliar compressões de análises, mas acima de tudo, intervir em lugares fronteiriços a partir de um processo coletivo, compartilhado, no qual a universidade e os saberes ali elaborados possam produzir em nós possibilidades autorreflexivas, propositivas e utópicas, em que a meta é a pluriversidade epistêmica.

### Referências

ESCOBAR, Arturo. Más allá del desarrollo: postdesarrollo y transiciones hacia el pluriverso. **Revista de Antropología Social**, n.21, 2012, 23-62. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_RASO.2012.v21.400492012](http://dx.doi.org/10.5209/rev_RASO.2012.v21.400492012). Acesso em: 22 nov. 2020.

DUSSEL, Enrique. 1492 - **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 12. ed. São Paulo: L&PM, 1999.

GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Soc. Estado.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Apr. 2016.

KREIMER, Pablo. Internacionalização e tensões da ciência latino-americana. Artigos e Ensaios. IN: **Estudos de CTS – Estudos sociais e conceituais de Ciência, Tecnologia e Sociedade**. Disponível em: <https://estudosdects.wordpress.com/2014/08/29/internacionalizacao-e-tensoes-daciencia-latino-americana/>.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologia do Sul**. Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12 -32, 2017a.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade. **O lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 32 n° 94 junho/2017b.

QUIJANO, Aníbal. Ensayos en Torno a La Colonialidad del Poder. In: MIGNOLO, Walter (compilador). **Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; PEZARICO, Giovanna. Movimentos de Expansão dos Programas de Pós-graduação (Stricto Sensu) no Sudoeste do Paraná. 37ª Reunião Anual da ANPED. **Anais**. ANPED: Florianópolis-SC, 2015.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; WIELEWICKI, Hamilton G. Concepts, policies and actions of internationalization of Higher Education: reflections on the expertise of a North American University. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. 1-19, 2019.

RUBIN-OLIVEIRA, Marlize; WIELEWICKI, Hamilton de G.; PEZARICO, Giovanna. Internacionalização da Educação Superior: Lugar, Sujeito e Pesquisa como categorias substantivas de análise. **Educação** (UFSM), v. 44, p. 1-25, 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Descolonização cognitiva: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **O fim do império cognitivo**: afirmações das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 161-210.

STEIN, Sharon. Critical internationalization studies at an impasse: making space for complexity, uncertainty, and complicity in a time of global challenges. **Studies in Higher Education**. 2019 DOI: 10.1080/03075079.2019.1704722.